

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



A TORRE DE AUGUSTO EM UM POEMA ATRIBUÍDO A ANDRÉ DE RESENDE

(B.N. Madrid, MS. 3610, fol. 260r)

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA
(Universidade do Minho)

1. Apresentação

André de Resende (c. 1500-1573), consagrado humanista português do século XVI, é autor de uma vasta e diversificada obra de incidência literária, linguística, histórica, hagiográfica e arqueológica já razoavelmente conhecida, contando-se por muitos os estudos atinentes quer à sua vida e obra em geral quer a aspectos específicos dessa mesma vida e obra. Subsistem, todavia, caminhos menos explorados, que podem surpreender-nos com alguma novidade.

Enquadra-se nesta situação o período menos documentado e estudado da vida e obra do humanista, que coincide precisamente com o dos anos da sua juventude. Sabe-se que fez os seus primeiros estudos em Évora, sua terra natal (pela mão de Estêvão Cavaleiro), que com perto de dez anos ingressou no convento de S. Domingos da mesma cidade, que com cerca de treze anos os prosseguiu na universidade de Alcalá de Henares (tendo aí ouvido as lições de António de Nebrija) e que mais tarde, a partir dos inícios de 1521,¹ se dirigiu para Salamanca, onde permaneceu alguns anos (assistindo então às aulas do seu admirado

¹ Veja-se, sobre esta data para a qual chamou a atenção, corrigindo opiniões anteriores, A. Costa Ramalho, "A Conversão maravilhosa do Português D. Gil – um diálogo latino quase ignorado – da autoria de André de Resende", *Revista da Universidade de Coimbra* 27 (1979) 239-262, p.260-262.

mestre Aires Barbosa² e aplicando-se depois ao estudo da Teologia). Ruma mais tarde a Marselha e a Aix-en-Provence (onde recebeu as ordens sacras de subdiácono e diácono e residiu mais de dois anos, segundo o seu próprio testemunho), depois a Paris e por fim viaja para Lovaina (onde se encontrava já em 15 de Setembro do ano de 1529, segundo decorre da datação de uma carta a Goclénio).³

Revisitando estes passos de Resende – com o auxílio da imprescindível biobibliografia que dele escreveu Francisco Leitão Ferreira e das abundantes e esclarecedoras anotações e correcções feitas por Anselmo Braancamp Freire,⁴ bem como da “Cronologia resendiana” elaborada pelo mesmo Braancamp –, confirma-se que da sua produção juvenil pouco se conhece, exceptuando-se talvez, mas sob reservas, o poema épico identificado pelo título *De Bracarensis urbis antiquitate et laudibus*, elaborado a pedido de D. Diogo de Sousa, então Arcebispo de Braga,⁵ e

² Na anotação 34 ao Livro I do seu *Vincentius*, Resende fala de Aires Barbosa, seu mestre em Salamanca, e da sua *Prosódia*: “Arius Lusitanus, magister olim noster, in sua prosodia”. Sobre Aires Barbosa, veja-se Sebastião Tavares de Pinho, “Retórica e poética na *Epométria* de Aires Barbosa”, in J. A. Sánchez Marín, M.^a Nieves Muñoz Martín (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literários*, Granada, 2004, p.313-329.

³ Odette Sauvage, *L’Itinéraire érasmien d’André de Resende*, Paris, 1971, p. 39, situa esta viagem para Lovaina no ano de 1521, por não conhecer o testemunho resendiano que consta da sua biografia sobre Frei Gil de Santarém e para o qual A. Costa Ramalho (vd. n. 1) chamou a atenção.

⁴ Fr. Leitão Ferreira, “Notícias da vida de André de Resende”, com notas de A. Braancamp Freire, in *Arquivo Histórico Português*, vol. VII, p.393-417, VIII, p.62-69, 161-184, 338-366, IX, 177-285, 286-334, 367-378.

⁵ Veja-se Dom Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, Segunda Parte*, Em Braga por Manoel Cardozo impressor, Anno 1635, cap. LXXI, § 5, pág. 297 (consultada a edição fac-similada de José Marques, Braga, 1989): “Não contente com assi ennobrecer a sua cidade [sc. com igrejas e outros monumentos], buscou quem tambem com a pena, & estylo, a fizesse famosa, dando noticia aos presentes, & vindouros de sua primeira fundação. Foi este o grande fr. Angelo André de Resende (assi se intitula, & não fr. Lucio André de Resende, na obra, que logo diremos) da Ordem dos Pregadores, a quem por doutissimo em todo o genero de antiguidade, consultavão, como a oráculo, os mayores letrados do seu tempo, & escrivia o Emperador Carlos V. Encomendoulhe o Arcebispo esta obra, & elle, como quem o tinha por fautor, &

datável de cerca de 1526, talvez quando Resende, de passagem por Portugal, se preparava para partir em direcção aos Países Baixos pelos mares da Galiza.⁶ Já em Lovaina, em 1529, compõe o *Encomium urbis et academiae Louaniensis* e só desde então a sua produção poética começa a tomar corpo e a ser divulgada e conhecida.⁷ Se estes dados estão correctos e se estas são as mais antigas obras resendianas de que há registo, há que concluir que muita da sua primeira produção se perdeu, porquanto não é crível que, tendo André de Resende nascido por volta do ano de mil e quinhentos, date apenas de 1526 a primeira composição poética que lhe é seguramente atribuída.

Pois bem. Tudo indica que date igualmente deste período da vida de Resende um pequeno poema composto a respeito de um monumento romano da Hispânia, a Torre de Augusto, hoje conhecida como Torre de Hércules, na Corunha. O presente estudo terá como objectivo dar a conhecer esse breve poema, que poderá constituir, fora do âmbito escolar, a mais antiga composição poética resendiana chegada até nós.⁸

Mecenas de todas as boas letras, dentro em dez dias, lhe mandou hum Poema de maes de trezentos versos da fundação de Braga, tão polido, & apurado, tão cheyo de erudição, e outras / (p.298) elegancias, qual o podia fazer o melhor poeta dos que hoje veneramos. Communicounolo o Chantre d'Evora Manoel Severim de Faria, como tão rico, & curioso de semelhantes antiguidades." Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa Occidental, na Officina de António Isidoro da Fonseca, 1741, p. 170, e Monsenhor José Augusto Ferreira, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, Braga, Edição da Mitra Bracarense, 1931, Tomo II, p.404, n.2, nada acrescentam à informação de Dom Rodrigo da Cunha, que transcreve cinco versos da invocação, prometendo transcrever o resto da composição noutro momento, o que não veio, infelizmente, a acontecer.

⁶ Esta hipótese é de F. Leitão Ferreira, "Notícias da vida de André de Resende", *Arquivo Histórico Português*, VII, p.406-407.

⁷ Convém recordar que o nosso humanista começou por ser essencialmente reconhecido como talentoso poeta. *Poeta Resendius* lhe chama várias vezes o seu amigo Clenardo.

⁸ Importa lembrar, contudo, que John Martyn tem defendido a autoria resendiana de muitos dos poemas que constam do MS. 2209 da Torre do Tombo, bem como de um outro grupo de composições poéticas pertencente a um códice miscelânico, o MS. de Évora (o MS. CXIV / 1-16 (d)), alguns dos quais apresentados como datáveis dos verdes anos do Eborense. Além de artigos vários sobre este assunto, John Martyn reuniu esses poemas numa edição intitulada

2. Poema à Torre de Augusto

An. Resendius

*Est in Callaicis modico paeninsula utrimque
cincta sinu tellus et ponto objecta minaci,
horrifer unde suas Boreas Austrique furentes
frangunt per scopulos uires aspergine saeua.
Intus at ora silet tuta statione carinis. 5*

*Huius in excelso pelagus quo panditur, ingens
imminet oceano moles, unde Ennosigaei
lata patet facies, turris sub nomine prisco
Augusti. Nullis fuit unquam machina terris
clarior. Haec summo pertingit uertice Olympum, 10*

*haec intacta manet toties experta ruinas
Hesperiae, non hanc sterilis mala robora fici
discutiunt. Firmo lapidum se fornice nectit,
uix ruitura. Olim nocturno haec lumine puppes
arcebat scopulis portuque ciebat amico. 15*

*Arae die summa residens speculator ad undas
Neptuni, si quas uidisset in aequore classes,
signa dabat terris, premerent ne bella colonos
improuisa. Modo uulgo figmenta ministrat,
quique habitant magni ueniunt de sanguine Teucri. 20*

Vrbs antiqua manet. Cluniam dixere minores.

1 modicoq. peninsula; 7 Oenosigaei ; 13 nectit' ; 16 sumã; 17 aequori.

André de Resende's Poemata Latina / Latin Poems. Translated, edited with an introduction. Lewiston – N.Y., The Edwin Mellen Press, 1998. Mas a falta de provas concludentes relativamente à autoria de muita dessa produção retirou valor à edição e motivou que fosse fortemente contestada por Aires do Nascimento, em recensão saída no volume 28 (2000) da revista *Euphrosyne*, p.441-443.

3. Tradução

André de Resende

Existe em terras da Galécia uma península, terra bordejada
[por uma pequena
enseada e projectada contra o mar ameaçador,
de onde o horrendo Bóreas e os Austros em fúria
quebram nos rochedos as suas forças, em violento turbilhão
[de espuma.
Mas no interior a região está calma, com o seu molhe seguro
[para as embarcações.⁹ 5
Aqui, em zona de alto mar, onde se abre o pélagos, está sobranceira
uma vasta mole, de onde se vê o grande rosto do Enosigeu,¹⁰
com o antigo nome de Torre de Augusto.¹¹ Não houve no mundo
construção mais famosa.¹² Com a ponta do vértice ela toca o
[Olimpo. 10
Ela permanece intacta, apesar de tantas vezes vítima das
[destruições
da Hespéria. A funesta raiz de uma estéril figueira
não a abala.¹³ Assente numa firme base de rochedos,

⁹ Todo este passo revela como o poeta tinha presente os versos da *Eneida* nos quais Virgílio descreve o local aonde arribaram Eneias e os companheiros, náufragos, na costa líbica. Diz o poeta (1.159-164): *Est in secessu longo locus; insula portum / efficit obiectu laterum, quibus omnis ab alto / frangitur inque sinus scindit sese unda reductos. / Hinc atque hinc uastae rupes geminique minantur / in caelum scopuli, quorum sub uertice late / aequora tuta silent.* É evidente a semelhança de muitos dos termos e *iuncturae*, ainda que o contexto seja outro e o referente também.

¹⁰ *Ennosigaeus*, -i (m.), do gr. εἰννοσιγγαῖοσ 'que faz estremecer a terra' – Enosigeu, epíteto de Poséidon (vd. Juvenal, 10.182).

¹¹ Sobre esta designação de *Turris Augusti*, há quem a associe a um passo de Mela (III, 3), situando-a embora num outro local, mas há também quem veja aqui uma outra designação para a chamada Torre de Hércules (veja-se Javier Arce, "Orbis Romanus y Finis Terrae", in Carmen Fernández Ochoa (Coord.), *Los Finisterres Atlânticos en la Antigüedad: Época Prerromana y Romana* (Coloquio internacional), Madrid, 1996, p.73 e notas).

¹² É evidente o *topos* do exagero encomiástico.

difícilmente ruirá. Outrora, de noite, com a sua luz,
 afastava dos escolhos as embarcações, atraindo-as a um
 [porto seguro; 15
 de dia, permanecendo no alto da torre,¹⁴ o vigia das ondas
 de Neptuno, se acaso avistasse na planície líquida alguma frota,
 dava sinais para terra, a evitar que atormentassem os
 [habitantes guerras
 imprevistas.¹⁵ Agora é fonte de ficções entre o vulgo.¹⁶

¹³ Tal como a referência a Enosigeu, no v.7, também aqui é clara a inspiração de Juvenal, 10.145, que diz: *ad quae / discutienda ualent sterilis mala robora fici*. Na sua sátira X, Juvenal fala da fragilidade da glória confiada a um sepulcro de mármore, sujeito à acção nefasta das raízes da figueira; no poema à torre de Hércules, o poeta afirma confiar no poder desta construção, que não será destruída pelas raízes da figueira. Como é próprio dos humanistas, o texto clássico é utilizado em contexto diferente e adquire outros sentidos.

¹⁴ Cf. Virgílio, *Aen.* 1. 109. Tudo indica que altar (*ara*) tenha sentido equivalente a torre (*turris*), pois ambas as construções, dedicadas a Augusto, teriam função idêntica, tanto cultural como utilitária (vd. António Rodríguez Colmeno, Santiago F. Sierra, Ruben D. Alvarez Asorey, *Callaeciae et Asturiae Itinera Romana. Milários e outras inscrições viárias romanas no oroeste hispánico*, Lugo, Consello da Cultura Galega, 2004, p.594).

¹⁵ Este passo compreende-se bem se se aproximar das palavras de Castro, transmitidas por E. Hübner em *C.I.L.* II, 2559, p.358, a respeito da torre: “En la Coruña vi aquella famosa torre, a quien podria convenir el nombre de Pharo, porque, a lo que de ella pude entender, fue hecho no para mas de encaminar las naos al puerto de dia com su altura, que es grande, y de noche com lumbre. Conocese de la estructura haberse hecho en tiempo de Romanos, y aunque despojada já del ornamento que tuvo, retiene todavia magestade. Está edificada junto al mar en un lugar alto y sobre peñas, media milla de la Coruña.”

¹⁶ Resende alude ao facto de se dizer que a Torre tinha no alto um espelho que permitia ver de dia a aproximação de embarcações. O erro, como advertem vários estudiosos, provinha do facto de se ter interpretado mal o termo *specula,-ae*, que significa ‘torre de vigia’, ‘atalaia’, dando-se-lhe o sentido de ‘espelho’. Note-se que o autor utiliza o termo *speculator* exactamente para referir o vigia que, do alto da torre, observava o movimento dos barcos no mar. Henrique Flórez, *España Sagrada*, Madrid, por António Marín, Año de MDCCLXV, t. XIX, p. 13, escreve, a respeito da ficção: “[...] ni para el Espejo encantado huve mas alusion que la mania de algunos inclinados à fabulas, los quales leyendo que Paulo Orosio refiere en Brigancio de Galicia un Pharo ò Torre altíssima para Atalaya del Mar,

E os seus habitantes provêm do sangue do grande Teucro.¹⁷ 20
 Uma cidade antiga permanece. Os descendentes chamaram-lhe
 [Clúnia].¹⁸

4. Algumas questões

Como se vê, o poema acabado de transcrever e traduzir refere-se à conhecida Torre de Hércules, na actual Corunha. *Clunia* é o topónimo que ocorre no texto e a torre é designada como *Turris Augusti*, ‘Torre de Augusto’. Descreve uma construção portentosa, que tinha como finalidade ajudar os mareantes a abrigar-se em porto seguro ou avisar os habitantes da chegada de corsários inimigos, e, segundo o poeta, era presentemente fonte de ficções.

Apesar da sua brevidade, o poema suscita algumas dificuldades. A fim de as solucionar, pelo menos em parte, revelou-se da maior utilidade

que en latin se dice *Specula*, entendieron Espejo, y levantaron sobre el quanto quisieron: por lo que se burlo bien Florian de Ocampo: [...] ‘es averiguado que aquella Torre no se hizo com outro fin sino para que de noche pusiesen en ella fuegos, porque los Mareantes, vista la lumbre, reconociesen tener ali Puerto.’” Já antes Gaspar Barreiros afluara a questão, na sua *Chorographia*, ao falar da tendência dos povos para efabular hercúleas origens ou para inventar relíquias passadas, e ao referir-se aos “espelhos da Crunha” (*sic*, fol. 22r) como um desses exemplos.

¹⁷ Cf. Virgílio, *Aen.* 1.235: *a sanguine Teucro*. Sobre a origem troiana dos povos da Galiza, veja-se o que João Vaseu escreveu no seu *Chronicon Hispaniae*, Salamanca, 1552, cap. X, fol. 22r: “Eodem tempore [sc. 1139 depois do Dilúvio] Troia euersa multi Graecorum, qui certis de causis in patriam redire uel non potuerunt uel noluerunt, post uarios errores in Hispaniam uenerunt, diuersisque in ea sedibus consederunt. Ex quibus Teucer Telamonis filius, primum Hispaniae litoribus appulsus, ea loca, ubi postea fuit Carthago Noua, occupauit, inde in Galleciam transit, positisque ibi sedibus genti nomen dedit, ut copiosius ait Iustinus.” O passo de Justino que serve de testemunho a Vaseu situa-se no Livro XLIV, § 3 (vd. n. 27).

¹⁸ Corunha. Atente-se neste hexâmetro e recorde-se como Virgílio se referiu a Cartago: *Aen.* 1.12: *Vrbs antiqua fuit (Tyrri tenuere coloni)*. Ou a Tróia: 2.362: *Vrbs antiqua ruit*. Ou à Itália: 1.530-532: *Est locus, Hesperiam Grai cognomine dicunt, / terra antiqua, potens armis atque ubere glaebae; / Oenotri coluere uiri; nunc fama minores / Italiam dixisse ducis de nomine gentem*. As *iuncturae* virgilianas são evidentes.

a consulta de um importante estudo intitulado *Investigaciones sobre la Fundación y Fábrica de la Torre llamada de Hércules, situada a la entrada del puerto de la Coruña, por Don Joseph Cornide, vecino de dicha Ciudad, y Académico Supernumerário de la Real Academia de la Historia*. Madrid, en la Oficina de Don Benito Cano, Año de 1792.¹⁹ Emílio Hübner não deixará de referir este estudo no seu *Corpus Inscriptionum Latinarum*, tomo II (relativo à Hispânia), ao comentar a inscrição da Corunha abaixo transcrita. Note-se, no entanto, que em parte alguma é transcrito o poema de Resende.

1. A questão da autoria

A composição poética acima apresentada, sem título, é constituída por 21 hexâmetros dactílicos e figura no fol. 260r do Ms. 3610 da Biblioteca Nacional de Madrid, também conhecido como *Codex Valentinus*²⁰ e é, de acordo com indicação constante do próprio manuscrito, da autoria de An. Resendius, isto é, André de Resende.²¹

O *Codex Valentinus*, cujo núcleo inicial é constituído por inscrições e outros registos reunidos por Jerónimo Zurita – fruto da sua correspondência com um extenso grupo de humanistas hispânicos, entre os quais se inclui André de Resende – foi, em princípios do século XVII, propriedade de Gaspar Galcerán de Castro, Conde de Guimerá, e é hoje o MS.

¹⁹ A consulta do texto foi feita em: http://www.estudioshistoricos.com/articulo/jlv/jlv_08.htm. A título informativo, acrescente-se que o texto de José Cornide foi reeditado em: J. M. Bello (ed.), *Ciudad y Torre, Coruña*, 1996. Não foi possível consultar o artigo A. Balil, “Restos de un puerto romano en la Coruña”, *Brigantium*, 1980.

²⁰ Informação colhida num trabalho de H. Gimeno Pascual sobre Jerónimo Zurita y Castro, em: / http://www2.uah.es/imagenes_cilii/Anticuarios/zurita.htm /.

²¹ Entendeu-se a abreviatura *An.*, no texto latino, como as iniciais de *Andreas*, André, embora se saiba que André de Resende durante algum tempo assinou como *Angelus*. Seja como for, André nunca deixou de ser o seu nome, se nos recordarmos de que, na sua *Vida de Frei Pedro Porteiro*, Resende lembra como o bom do Frei Pedro chamava por ele, quando a mãe o ia visitar: “Frei Andrezinho, diz minha mãe que vá eu lá.” (André de Resende, *Obras Portuguesas*, Prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1963, p.147).

3610 da Biblioteca Nacional de Madrid.²² Trata-se de um grosso volume de 339 fólhos recheados de inscrições e de algumas cartas da mais variada procedência. André de Resende, que para este volume contribuiu com várias inscrições, surge referido ora como Resend., ora como Resendius, e ainda como An. Resende, mas nunca como Luis de Resendi Portugues, como vem mencionado na folha de rosto do próprio códice.²³

Voltando ao poema resendiano, suscita alguma perplexidade a sua transcrição no volumoso códice em que vem inserido, no meio de inúmeras inscrições. Essa circunstância pode mesmo ter motivado o pouco (ou nenhum) interesse prestado à composição. Mas talvez que a estranheza se dissipe quando se verifica que o poema vem precedido de uma inscri-

²² O códice, de 339 fólhos, tem o seguinte título: *INSCRIPCIO/NES / de memorias Romanas y / Españolas Antiguas y modernas / recogidas de Varios Autores y en Particular de / Geronimo Çurita Aragones / Florian de Ocampo / Canonigo Oretano Castellano / Luis de Resendi Portuguêz / P. Albiano de Raxas Valenciano / El Bachiller 1º Alonso Franco Cordoves / com algunas Annotaciones apli / cadas a Ciudades y Familias / Por Dõ Gaspar Galçerã / de Pinos y Castro Conde de Guimera. Vizconde / de Evol y Alquer Foradat Señor de la villa de Frescano*. Referindo-se a este códice, o *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, tomo II, p.672, diz o seguinte, sob o nº 3564: “El tomo original de D. Gaspar de Galceran constaba de 268 folios; [...] Pocos volúmenes podrán presentarse de mayor interes histórico y bibliográfico que el presente, pues ademas del crecido número de inscripciones inéditas que encierra, tiene el mérito de ser todas las apuntaciones y notas autografas de los illustres literatos que en la portada se mencionam.” Segundo parece, a este códice se refere R. M. Rosado Fernandes sob a designação de *Valentianus*, relacionando-o com a figura de Honorato João Valentim, ou Valenciano, espanhol que em Portugal se terá dedicado ao estudo das antiguidades romanas, como se deduz da informação que a seu respeito nos dá o próprio Resende, no livro III das *Antiguidades da Lusitânia*: “Honorato João Valentim, homem nobre não só pelo nascimento como pela brilhante erudição, mostrou-me em Lisboa este Monumento e os três que abaixo apresentarei, tal como os recebeu de Florião do Campo.” (A.R., *Antiguidades da Lusitânia*, Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 155; veja-se também nota 137 ao Livro III das *Antiguidades da Lusitânia*, p.270-271).

²³ “Luís” talvez seja resultado do desdobramento incorrecto da inicial L., seja ou não relativa ao conhecido *praenomen* Lucius, que fazia parte do nome de Resende. Inscrições indicadas por Resende podem ver-se nos fólhos 20v, 45-48r, 97 e 98, 127 e 130-136v (cópia de inscrições registadas já nos fólhos 45-48r).

ção que indica o nome do arquitecto responsável pela construção da Torre de Hércules, o (nosso) conhecido C. SEVIVS LVPVS, hoje considerado o arquitecto que edificou o criptopórtico de *Aeminium*.²⁴ A inscrição, enviada por Florianus Ocampius, diz o seguinte:

MARTI / AVG. SACR. / C. SEVIVS / LVPVS / ARCHITECTVS / A. F. DANIIENSIS / LVSITANVS EX V.

Em rigor, esta inscrição atribui ao arquitecto a naturalidade de *Daniensis Lusitanus*. Mas uma breve nota marginal esclarece: “*Daniae Lusitaniae opp. de quo in ponte / Alcantare mentio nunc Ydania a vella dicitur*”.²⁵

A esta nota segue-se, bem centrada, a referência *An. Resendius*, seguindo-se, numa outra linha, o primeiro verso do poema em estudo.

Em boa verdade, nada no texto permite asseverar taxativamente tratar-se de um texto da autoria de André de Resende. Mas, havendo que confiar nos testemunhos escritos e nas atribuições dos manuscritos, e na ausência de qualquer impedimento forte que nos obrigue a pôr de lado a hipótese, aceitamos a atribuição do manuscrito e consideramos Resende o seu autor. Como se verá, pelo menos um indício pode fortalecer esta opinião.

2. A datação do poema

Partindo do princípio de que é de autoria resendiana, importa indagar das circunstâncias que possam ter dado azo à composição do poema. E na verdade é muito plausível que essas circunstâncias se tenham verificado, podendo o poema ter sido composto pelo humanista português quando, dirigindo-se por mar rumo à Bélgica, ficou retido durante algum

²⁴ Veja-se Jorge de Alarcão, *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, p.184. Esta inscrição figura no *C.I.L.* II 2559, e a seu respeito E. Hübner regista (p.358) o testemunho de Castro, que diz: “Y cerca della <isto é, da Torre de Augusto> por la parte de medio dia vi estas letras esculpidas en un peñasco, que parescen significar, quien la hizo, y porqué”.

²⁵ Don Joseph Cornide, no estudo acima mencionado, considera que Florião de Campo não foi feliz na transcrição da inscrição. Note-se que a leitura *Daniensis* motivou a nota marginal que identifica *Dania* como a Idanha-a-Velha. Esta inscrição figura em *CIL* II 2559, embora com a leitura *Aeminiensis* (exactamente aquela que permite associar os dois arquitectos, o de Coimbra e o da Corunha).

tempo, em resultado de violenta tempestade, em terras da Galiza. A lembrança deste temporal, seguido de naufrágio, que terá ocorrido por volta do ano de 1526, ficou registada no *Erasmii Encomium*, datado de 1531, no passo em que Resende evoca a vontade dos seus anos de juventude em ver o grande Erasmo de Roterdão. Diz então o poeta eborense, na tradução de Walter de Medeiros:

“Nesta disposição me ausento das praias do meu país, sem temor algum das brancas ondas do impetuoso Nereu: antes já contemplando na mente vagabunda Erasmo, minha recompensa, e os muros de Lovaina. Corria então a notícia de que tu habitavas esta cidade – e tanto bastava para que ela me fosse querida. Quantas tribulações me deu o mar embravecido, quantos danos sofri do cruel oceano, quantas vezes (horrendo espectáculo!) estive suspensa sobre a minha cabeça a onda revolta pelo tridente irado – podem testemunhá-lo aquele dia recoberto por um negrume de breu, e vós, praias da Calácia, que largo tempo, hóspede triste e indigente, habitei como náufrago! Mas a sanha implacável do mar não me dissuadiu da viagem iniciada: pôde arremessar-me ao litoral ibero, mas não impediu que chegássemos aos campos de Lovaina – onde ainda nos encontramos.”²⁶

Aí terá tido possibilidade de ver ou ouvir falar dessa torre-farol romano que ainda hoje impressiona pela sua imponente grandeza. Poderá então ter elaborado o breve poema que nos ocupa – uma descrição em verso da situação geográfica e da natureza do monumento, descrito como uma sólida torre de atalaia. Como se pôde ver em notas ao texto, e na esteira do que ocorre com tantas descrições saídas da pena de poetas humanistas, também nesta é evidente o carácter de composição *centonaria*. Importa ainda acrescentar que nada no texto supõe ou parece sugerir que o poeta fale *de visu* desse monumento, nem há sinais da tem-

²⁶ *Erasmii Encomium*, v.167-180. Transcrito de: *Carmen eruditum et elegans ... [Erasmii Encomium]*, Elogio de Desidério Erasmo de Roterdão. Fixação do texto latino e tradução pelos Prof. Doutor Walter de Medeiros e Dr. José Pereira da Costa, Revisão e repaginação actualizada pelo Prof. Doutor Walter de Medeiros, incluído, com notas de M. Cadafaz de Matos, no volume *Algumas Obras de André de Resende, vol. I (1531-1551)*, estudo introdutório sobre “André de Resende (c. 1500-1573), o homem e a obra: um contributo para a sistematização dos seus trabalhos impressos até 1551”, da autoria de M. Cadafaz de Matos, Lisboa, Edições Távola Redonda, 2000, p.42-43.

pestade sofrida. Mas também é verdade que há vestígios com marca resendiana...

Na realidade, o poema tem a particularidade de atribuir a Teucro a origem da Corunha e dos seus habitantes, sinal manifesto da preocupação histórico-humanística de, como notara Tito Lívio, nobilitar com a alta antiguidade a origem de terras cuja origem em rigor se desconhecia. André de Resende não se coíbe de o fazer nas suas obras de fundo histórico, embora por vezes seja cáustico em relação a quem o faz inventando passados, como várias vezes acontece, por exemplo, nas *Antiguidades da Lusitânia*. No caso vertente, o humanista ter-se-á inspirado no historiador Justino, ao atribuir as origens da Corunha a Teucro. Escreve Justino:

*Gallaeci autem Graecam sibi originem adserunt; siquidem post finem Troiani belli Teucrum morte Aiakis fratris inuisum patri Telamoni, cum non reciperetur in regnum, [...] Hispaniae litoribus adpulsum loca, ubi nunc est Karthago Noua, occupasse; inde Gallaeciam transisse et positis sedibus genti nomen dedisse.*²⁷

Assim, depois de fundar Carthago Noua, Teucro teria ido para a Galécia. Resende recorda-o no Livro I das suas *Antiguidades da Lusitânia*,²⁸ e volta ao assunto, com largo desenvolvimento, no Livro III, no capítulo relativo a “Que povos dominaram outrora na Lusitânia”, a respeito das várias opiniões sobre a origem de Cartago, Cartago-a-Velha e Cartago-a-Nova. Enquanto vai expondo a opinião de distintos poetas e historiadores, mais e menos recentes, Resende comenta:

“Justino não diz que fosse Teucro a construir a cidade [sc. Cartago-a-Nova], mas sim que aportando aos litorais da Hispânia ocupou o local onde agora ela está, daí tendo passado à Galécia. [...] O nome de Cartago propriamente dito, quer se compreenda uma ou outra Cartago, não pode tê-lo dado Teucro, na medida em que ainda não existia nenhuma Cartago, da qual ele pudesse ter escolhido o nome. [...]”.

²⁷ M. Iunianus Iustinus, *Epitome Historiarum Philippicarum P. Trogi*, XLIV, § 3.

²⁸ Veja-se edição de R. M. Rosado Fernandes, p.97-98 e respectivas notas, em especial a n. 164 (p.243), na qual se diz: “Sobre as origens míticas gregas da Ibéria, inventadas, segundo os historiadores, por Asclepiades de Mirleia, ver A. Schulten no comentário aos passos de Justino sobre a Hispânia, em *F.H.A. [Fontes Hispaniae Antiquae]*, VIII, pp. 334-354 e em especial p.350.”

E mais adiante:

“Não acrescento aqui o testemunho de Virgílio, porque, forçosamente, para tornar verosímil a chegada imaginária de Eneias junto de Dido, pouco depois da destruição de Tróia, apresenta Cartago já fundada. E, por esse motivo, põe a rainha a dizer de Teucro:

“E recordo-me bem de que Teucro veio a Sídon, etc.”

Mas os historiadores pensam de outra maneira, tão grande é a incerteza que sobre estes factos reina.”²⁹

Passos como os citados destinam-se a documentar a variedade de opiniões de estudiosos sobre matéria de tão alta antiguidade. Por preciosa informação do Arcebispo de Braga Dom Rodrigo da Cunha, sabemos que Resende atribuía a Teucro a fundação de Braga. Escreve o Arcebispo, a respeito do poema de Resende sobre a cidade:

“Entre tanto baste dizer, que da nelles [sc. nos versos sobre a fundação de Braga] o author, a Teucro filho de Telamon, irmão de Ajax, hum dos principais capitães, que vencerão Troya, por fundador desta cidade.”³⁰

Quem assim opinava a respeito da fundação de Braga, na *Callaecia* meridional, poderia muito bem afirmar o mesmo a respeito dos habitantes da Corunha, na *Callaecia* setentrional.

3. Questões de métrica

A finalizar, duas breves considerações de ordem métrica.

Dois versos (1 e 16) oferecem dificuldades de prosódia métrica. O verso 1 exige a lição *modico* em vez da lição *modicoque*, que figura no

²⁹ André de Resende, *Antiguidades da Lusitânia*, *op. cit.*, p.137 e respectivas notas. A variedade de autores citados a respeito desta questão, desde Justino, Políbio, Mela, Estrabão, Sílio Itálico, Cassiodoro, Eusébio de Cesareia, entre outros, mereceu a Rosado Fernandes a seguinte nota: “Trata-se, como é evidente, de mostrar um certo alarde erudito, querido a Resende, que apresenta diversas fontes antigas que discutem o famoso problema de Tróia e sua queda, relativamente à fundação de Cartago e igualmente à fundação de Roma. Era um tipo de “arqueologia” favorito dos historiadores antigos, quando pretendiam descer às raízes das civilizações que estudavam.” (*ibid.*, p.264, n.27).

³⁰ Dom Rodrigo da Cunha, *op. cit.*, p.298, § 6.

MS., metricamente inaceitável, a menos que se considere breve a sílaba inicial de *paeninsula* (*peninsula* no original). Dos tratados de métrica consultados nada autoriza tal possibilidade e sabemos por Clenardo quanto Resende era cioso do rigor métrico e pouco amigo de inovações.³¹

Quanto ao verso 16, o problema reside no vocábulo dissilábico *die*, que terá de ser considerado, por sinizese ou sinérese, um monossílabo de quantidade longa (a longa do ablativo dos temas vocálicos).³²

5. Conclusão

Em função do que foi dito e a confiar nos dados disponíveis, poderá afirmar-se que:

1. O poema à “Torre de Augusto” é (será) da autoria de André de Resende;
2. Terá sido composto por volta de 1526, quando o poeta, em viagem pelos mares da Galiza, passou (terá passado) pelo litoral da Corunha e avistou (terá avistado) o Farol romano.

³¹ Clenardo, *Carta a Joaquim Polites*, datada de 27.12.1536 (traduzida e publicada por M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal, I, Clenardo e a sociedade portuguesa*, Coimbra Editora, Limitada, 1974, p.275-293, p.286).

³² Sobre esta possibilidade, veja-se o que pensa Resende na sua nota ao verso 109 do Livro II do *Vincentius*. Na sua opinião, a palavra *argenteo* pode ser metricamente um trissílabo, ao fazer das duas últimas vogais uma só sílaba (*per synizesin*).